

NAR-ANON E A ATRIBUIÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO À ORAÇÃO DA SERENIDADE

Luciane Thomé Schröder*

Resumo: Este estudo objetiva apresentar uma reflexão sobre a Oração da Serenidade, considerando as suas condições de produção específicas, ou seja, a apropriação que o Grupo Familiar *Nar-Anon*¹ faz dela em suas reuniões. A oração é repetida ao final de todos os encontros do grupo de forma ritualizada, quando os integrantes da irmandade, de mãos dadas, a proferem juntos. Pode-se dizer que a oração, naquelas condições de produção, a partir de um discurso previamente conhecido (ela não é de autoria do Grupo) e sendo enunciada pelos que a praticam – familiares e amigos de adictos –, reveste-se de efeitos de sentido particularmente simbólicos em relação àquela situação. Por meio da oração, ousa-se dizer, do discurso, tem-se a crença numa manifestação de *poder* (como em qualquer manifestação espiritual), como o de devolver, aos familiares e amigos de adictos, paz e serenidade diante das aflições e angústias em que se encontram aqueles que convivem com o problema das drogas. É nesse contexto que se situa o corpus em análise, e é a partir dele, naquele espaço de interlocução, que ele passa a agir persuasivamente sobre os seus interlocutores, fazendo-os aderir a uma forma de pensar e agir em relação a problemas específicos daquele Grupo.

Palavras-Chave: Discurso. Oração. Cena. Cenografia. Subjetividade.

Abstract: This study has the objective of analyzing the “Oração da Serenidade” (Serenity Prayer), taking into consideration its specific conditions of production, that is, its appropriation and use by the Familial Group *Nar-Anon* during their meetings. The prayer is repeated at the end of the groups’ meetings, in a ritualized way, when all the integrants of the brotherhood, holding hands, chant it together. It can be said that the prayer, in such conditions, with a speech previously known (it was not written by the Group) and being enunciated for those who practice it - relatives and friends of drug addicts -, is permeated by a particularly symbolic effect in relation to that situation. Through the prayer, more specifically the discourse, there is a belief in a manifestation of power (as in any spiritual manifestation), such as to give back to the relatives and the friends of addicts, peace and serenity when facing the afflictions and distresses that involve those who face drug problems. It is on that context that the corpus of this analysis is focused, and it is in that interlocution space that it finds evidence on how this behavior acts persuasively on the interlocutors, leading them to adhere to a way of thinking and acting concerned with the Groups’ specific problems.

Keywords: Discourse. Prayer. Scene. Scenography. Subjectivity.

¹ O *Nar-Anon* é uma irmandade, sem fins lucrativos, cujo objetivo é ajudar familiares de adictos, ou seja, de dependentes químicos tidos como portadores de uma doença pela Organização Mundial da Saúde. Para o *Nar-Anon*, o familiar de adicto é um co-dependente, portanto, um doente que passa a sofrer, tanto quanto o adicto, os efeitos das drogas, sendo, por isso, uma pessoa que necessita de ajuda. Aberta uma sala, para que se possa fazer parte do grupo, o único requisito é ter um parente ou amigo envolvido com o problema da adicção. As salas de reuniões são espaços cedidos gratuitamente (comumente pertencentes a alguma igreja ou escola) e os encontros acontecem semanalmente (podendo variar de uma a duas reuniões por semana), com a duração de duas horas.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina – UEL e professora colaboradora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

1 Introdução

“...Concedei-me serenidade
para aceitar as coisas
que não posso modificar...”
(Fragmento da Oração da Serenidade)

Para a elaboração desta análise, primeiramente, considerar-se-á o suporte material do discurso como questão fundamental. O corpus se refere a uma oração que, por isso, conforme o senso comum, teria a finalidade de confortar aqueles que a ela recorrem como meio para uma reflexão espiritual. Desta forma, o suporte material que a sustenta também a sobre-determina, atribuindo-lhe uma cenografia particularizada pela instância da enunciação, no sentido proposto por Maingueneau (apud AMOSSY, 2005). Assume-se, nesse primeiro momento, que não se trata de um discurso de auto-ajuda (como pode ser entendida por alguns, questão que será retomada adiante), mas de uma *oração*, cuja crença pode elevá-la ao estatuto de um discurso de “poder”², pois, por meio dela (da oração), obter-se-ia o amparo espiritual e, de acordo com os mais fervorosos, curas físicas.

No caso em estudo, a Oração da Serenidade é pronunciada a fim de propiciar aos sujeitos amparo em momentos de intensa angústia. Deve-se ressaltar, ainda, que a busca pelo conforto em torno de um propósito em particular por parte dos integrantes do *Nar-Anon* já se torna fato pertinente para análise: quem são aqueles que a ela recorrem, quais as expectativas daqueles que a proferem, que condições exteriores aos sujeitos os levam a tê-la como discurso de conforto, onde ela é enunciada?

Retomando o conceito de cena de enunciação, entende-se que ele se torna fundamental, porque particulariza, como já se disse, o discurso que está sendo enunciado. A oração em estudo não pertence ao *Nar-Anon* (não foi “invenção” da entidade), mas é apropriada por ele (como por muitas outras entidades, religiosas ou não) e se particulariza devido àqueles que, naquele espaço, a utilizam, atribuindo a ela, pelos efeitos de sentido que dela

² Diversos são os livros publicados sobre o tema “*O Poder da Oração*”, assim como a divulgação desse meio de cura pelas mídias, as quais têm vendido seus espaços televisivos a pregadores, como, por exemplo, o missionário R.R. Soares, que, além de canal fechado, tem suas pregações e orações transmitidas em canal aberto de televisão, a rede de televisão Bandeirantes. Também é cada vez mais comum a presença de emissoras pertencentes a instituições das mais diversas religiões, cujo intuito é o de “levarem”, por meio das suas orações, a palavra de Deus e, com ela, conforto aos seus telespectadores.

emanam, por meio da sua materialidade, um *ethos*.³ No caso, este se realiza em função daquilo que ela *prega* (é uma oração, orações são boas e fazem bem, sujeitos que desejam o bem a si mesmos e a outrem oram, orações têm sempre boas *intenções*). Daí, personificando a oração, ter-se-ia um *ethos* da mesma, positivo, que agrega a ela o poder de oferecer amparo, por exemplo. A oração, enquanto materialidade lingüística, está vinculada a um gênero de discurso que, por a ele pertencer, já lhe atribui uma identidade marcada por determinadas características, *que tomam uma forma específica em função da cenografia de que ela faz parte*.

A cenografia (...), implica um processo de enlaçamento paradoxal: desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar. (MAINGUENEAU apud AMOSSY, 2005, p.77).

A partir da definição acima, afirma-se que o estudo da Oração da Serenidade, nas condições de enunciação brevemente expostas, tem um valor que a singulariza, e é isso que importa para este estudo. Trata-se da Oração da Serenidade que, enquanto texto, é retomada nas mais diversas situações enunciativas, mas que deixa de ser a *mesma* (pois as palavras se revestem de novos sentidos a cada nova interlocução), quando passa a ser tomada em outra cena de enunciação:

Todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo o que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. (FOUCAULT, 1995, p.28).

³ O *ethos* está sendo compreendido com a imagem que emerge do discurso, construída, portanto, pelo que o discurso enuncia; no caso, como se trata de uma Oração proferida por pessoas que pertencem a um conjunto, o *ethos* representa uma coletividade.

Por isso, pode-se dizer, tem-se no discurso da Oração um produto final, mas é a prática enunciativa da oração pelos sujeitos, no espaço singular em que ela ocorre, que lhe confere sentidos que passam a se vincular, fortemente, a uma prática discursiva persuasiva, que se marca por traços característicos do(s) grupo(s) que dela faz(em) uso.

Portanto, está se considerando que a Oração da Serenidade é um discurso persuasivo que, por meio da emotividade (*pathos*), visa a afetar os interlocutores, permitindo que leituras diferentes sejam feitas nos espaços discursivos não preenchidos, em função de interpretações possíveis que os termos assumem diante dos problemas daqueles que chegam à irmandade e são convidados a proferirem a Oração como um dos meios para alcançar o equilíbrio emocional, como já foi frisado, em situações descritas como problemáticas, traumáticas e desestruturantes, por exemplo.

A esse respeito, retoma-se Adam (apud AMOSSY, 2005, p.94), para quem a possibilidade da *persuasão-manipulação* encontra-se na base do triângulo, ou seja, no eixo *ethos – phatos*, ao invés de no *logos*. O que a oração oferece aos sujeitos não se situa na esfera da objetividade, mas ela atua, efetivamente, pela emoção, meio pelo qual se pretende chegar à adesão do grupo, porque, afinal, é só por meio da adesão que se pode dizer que se logrou êxito no que foi enunciado. De acordo com Viala (cujo artigo compõe a obra da autora acima citada), prega-se apenas aos convertidos. No caso, o sentido de convertidos – associado aos familiares e amigos de adictos que freqüentam o Grupo – torna-os, de alguma forma, “*convertidos*” a um modo de pensar e agir perante uma situação problemática “em comum”. Há um fator empírico (a convivência com um adicto) que conduz os sujeitos ao Grupo e os leva a ter na Oração da Serenidade uma “fórmula” que adquire valores “comuns” em função de um problema em comum.

A adesão à oração e ao que ela significa naquelas condições enunciativas “transforma uma posição em tomada de posição, e tomada de posição em ‘algo óbvio’” (VIALA, apud AMOSSY, 2005, p.181). Isso significa que aqueles que se unem para rezá-la apagam (inconscientemente) as possibilidades de múltiplas interpretações do discurso da oração, pois sua cenografia impõe uma filiação, dos sujeitos ao Grupo, para a execução de “certa” leitura. Esse comportamento se explica pelo processo do que ali ocorre, quando os componentes do grupo passam a aderir a uma forma de compreensão do problema comum, o que acarreta “passar de uma diversidade de maneiras de

ver e de fazer à certeza de que há somente uma que é válida, [o que] converte a subjetividade consciente de uma opinião relativa em pseudo-objetividade inconsciente de uma certeza absoluta” (op. cit. p.168).

A Oração da Serenidade tem seus auditórios e estes são convertidos a ela, no sentido de que a Oração encontra-se com os propósitos de cada um dos diferentes auditórios que a ela recorrem para mediar situações de conflito, como ocorre na sua apropriação pelo *Nar-Anon*.

À Oração em estudo agrega-se não só a existência de uma formação discursiva religiosa, mas também, por conta do espaço das condições de produção do discurso em análise, uma outra formação discursiva, que se insinua por meio do gênero da auto-ajuda, já mencionado (mas, acredita-se e frisa-se, *negado*, questão retomada adiante). Sobre essa presença conflitante de dois discursos em um, em que se está dizendo que a Oração da Serenidade atende a propósitos distintos, ou que, talvez, seja o conflito interno que a constitui (ela pode ser apropriada em circunstâncias semelhantes quanto díspares), recorre-se ao conceito de formação discursiva na forma como foi concebido por Foucault (1995). Ou seja, o discurso se constitui tanto pelo agrupamento dos diferentes discursos, quanto pela sua dispersão. Negando qualquer automatismo purista para explicar a formação dos discursos, a Oração da Serenidade abriga nas suas estruturas a condição da sua existência e, portanto, da sua constitutividade - a de ser um discurso a partir de outros, em que traços de dispersão - ora advindos da religiosidade, ora pertencentes ao mundo pagão (seria este o da auto-ajuda?) - se conjugam para existirem: “Se puder [enfim] definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*” (FOUCAULT, 1995, p.43 – grifos do autor). A Oração da Serenidade é, pois, a comunhão de correlações e diferentes posições, as quais a análise buscará explicitar.

É inegável que, entre enunciar uma *oração* e enunciar um discurso de *auto-ajuda* há distanciamentos ideologicamente determinantes sobre como conceber um e outro em condições historicamente específicas, relevando-se, inclusive, nos diferentes efeitos de sentido, o espaço cultural típico dessas duas práticas.

Pode-se afirmar que, em nossa sociedade, a *oração* produz uma série de efeitos de sentido que passa a conflitar com os sentidos dos discursos de *auto-ajuda*. Ao primeiro, filiam-se valores cristãos que são postos na cena

de enunciação; alguém que se coloca em oração e súplica, reza, tece preces, louva, agradece a *Deus Pai*. Esse é um momento de introspecção: de ação de se colocarem à luz de *Deus* os problemas pessoais, tendo-o como *Aquele* com poder de solução de todos os males e acima de qualquer compreensão mortal. Enfim, em relação à oração, existe um ritual de fé e crença de que *Deus* intervirá de algum modo.

Em relação ao discurso de auto-ajuda, este também se sustenta na fé, na crença, na vigília, porém a fé e a crença estão centradas no indivíduo como o ser capaz de intervir no próprio destino, mesmo que ajudado por outro: não *Deus*. Às vezes, esse olhar voltado para si é explicitamente individual (“sou o que penso”); é o sujeito dizendo a si mesmo: “Você pode, você consegue, você é forte.” Em outros casos, contudo, esse individualismo é modalizado e, portanto, mediado, por expressões como a de colocar-se à luz de um “Ser Superior” que pode, ou não, ser o *Deus* cristão. Não é o indivíduo solitário que resolve os próprios problemas, é por meio de um Ser Superior que esses problemas são resolvidos.

É justamente nesse espaço, entre uma entrega ao *Deus* cristão (que se faz presente em orações) e ao Ser Superior, que se situa o discurso *Nar-Anon*, instaurando-se conflitos em relação à sua formação discursiva (deve-se lembrar que toda análise está sendo efetuada considerando as condições de produção do discurso). Para exemplificar, citam-se duas passagens pertencentes aos “Doze Passos do Grupo Familiar *Nar-Anon*”⁴, por meio das quais se pode perceber os efeitos de sentido do uso do termo *Deus*, associado à ressalva *como o concebíamos*, revelando os conflitos entre uma formação discursiva religiosa e uma formação discursiva pertinente ao discurso da auto-ajuda:

3. Tomamos a decisão de entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de DEUS, COMO NÓS O CONCEBÍAMOS.

⁴ O propósito deste estudo não é aprofundar-se nos conceitos com que o Grupo Familiar *Nar-Anon* é estruturado; eles foram registrados com um fim específico: servir de exemplo para elucidar a análise da Oração da Serenidade. Cabe, contudo, uma breve explicação: tanto os “Doze Passos do Grupo Familiar *Nar-Anon*” quanto “As Doze Tradições do *Nar-Anon*” são conceitos e preceitos oriundos dos Alcoólicos Anônimos - A.A, apropriados pelo *Nar-Anon* (assim como o faz o Grupo de Apoio a Familiares de Alcoólatras - Al-Anon e o Grupo dos Narcóticos Anônimos - N.A.), para a condução das suas reuniões de Grupo. Os Doze Passos e as Doze Tradições fornecem aos sujeitos freqüentadores desses grupos uma forma de irem, passo a passo, retomando, pode-se dizer, as rédeas da própria vida. Os que freqüentam as salas de reunião são levados (ou convidados), a cada encontro, a refletirem o proposto nos “Doze Passos” e nas “Doze Tradições”.

11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com DEUS, COMO NÓS O CONCEBÍAMOS, rogando apenas o conhecimento de SUA vontade em relação a nós, e a força para realizar essa vontade (sem maiúsculas no original).⁵

Não se trata, nesse momento, de efetuar uma análise dos dois enunciados. Como já se disse, trata-se de ilustrações cujo intuito é o de propiciar ao leitor situar-se no discurso que rege os livros do *Nar-Anon*, as suas reuniões e, portanto, a Oração da Serenidade naquela cena enunciativa específica.

Ao sofrer a apropriação por parte do Grupo Familiar *Nar-Anon*, a Oração instaura efeitos de sentido previsivelmente diferentes, em consideração, pelo menos, às duas formações discursivas citadas. Refletir sobre a Oração da Serenidade no espaço específico do Grupo requer que não se veja aí a repetição de um ato mecanizado pela memorização de um conteúdo, em que as palavras assumiriam para os membros um único repertório de significações. É necessário que se veja na Oração a possibilidade de leituras múltiplas, abertas à atividade daqueles que se movimentam ao enunciá-la, como ocorre no uso que o Grupo faz dela.

Pode-se dizer da Oração que ela é um discurso *já-dito* que manifesta outros efeitos de sentido, mas calcados num discurso já existente. A fonte, que se pode dizer autorizada e de caráter religioso, ganha, a nosso ver, em poder, perante aqueles que a proferem no espaço de circulação e de constituição de sentidos: o do Grupo Familiar *Nar-Anon*.

Portanto, o que se tem como provocação para a análise é a divulgação da Oração da Serenidade, veiculada e vinculada (neste estudo) a um dos panfletos de divulgação pertencentes ao Grupo *Nar-Anon*.

2 Apresentação do corpus e princípio de análise

*“O programa não é religioso,
mas sim uma forma espiritual de viver”.*

⁵ Os trechos foram extraídos de um dos livretos que pertencem ao Grupo *Nar-Anon*, reproduzidos pelos mesmos. Essa literatura é divulgada no site www.naranon.org.br, e os livretos são enviados gratuitamente às novas salas abertas em nome do grupo e também vendidas pelo endereço eletrônico citado. Os livretos não possuem qualquer indexador. Acredita-se que isso aconteça por se tratar de traduções oriundas do A.A e re-apropriadas, visando sua adequação às necessidades do *Nar-Anon*. Deve-se ressaltar que as adequações, basicamente, limitam-se às trocas de termos: alcoólicos por adictos, por exemplo.

Luciane Thomé Schröder

Oração da Serenidade

*Deus,
concedei-me
serenidade
para aceitar as coisas
que não posso modificar,
coragem
para modificar
aquelas que eu posso
e sabedoria
para perceber a diferença.*

Iniciar-se-á a análise, primeiramente, colocando a Oração em relação à epígrafe escolhida para abrir este momento, associação que se procurará explicar na seqüência. Essa epígrafe foi retirada do mesmo panfleto que suporta a Oração da Serenidade. Nesse material constam informações sobre o Grupo, além de outros dados sobre drogas e a exposição de motivos que visam a demonstrar a necessidade dos familiares de adictos de procurarem por ajuda junto a pessoas que sofrem com o mesmo problema, ou seja, junto a outros sujeitos que convivem com o viciado em drogas.

Tomando, contudo, o enunciado citado como epígrafe em sua relação com a oração, o que poderia parecer informativo é acrescido de outros sentidos, cujo objetivo não é o de informar, mas o de persuadir os que não conhecem o Grupo a conhecê-lo; e mais: o de se sentirem à vontade para fazê-lo. E um *ethos* prévio, então, faz-se ouvir nesse momento: ao se querer apresentar como um lugar atrativo - mesmo na adversidade (pois não se pode dizer que o motivo que leva uma pessoa a procurar uma sala *Nar-Anon* se explique por uma razão agradável) –, o Grupo, ao enunciar “*O programa não é religioso*”, estabelece algumas associações em relação à religião que permitem inferências como: ser um religioso (assumir-se membro de uma religião, seja ela qual for) implica seguir normas, ser avaliado conforme uma conduta previamente definida pelos outros membros e, por fim, ser punido, se o comportamento do integrante não corresponder ao de uma pessoa que pertença à religião “y”. Ao anunciar, portanto, “*O programa não é religioso*”, o Grupo constrói de si uma imagem positiva que permite – a partir de nova inferência – entender que no Grupo *Nar-Anon* não existem práticas coercitivas como, por vezes, são observáveis

noutros espaços sustentados por dogmas religiosos.⁶

Detendo-se, ainda, na primeira parte da epígrafe (pano de fundo escolhido para se proceder a análise da Oração), tem-se a explicitação de um desejo: o Grupo está aberto a todos, indistintamente da religiosidade de cada um. Por outro lado, ao negar que o grupo seja religioso, a questão que se coloca é de que forma, então, a religião é compreendida pelo *Nar-Anon*. Caso se dissesse “o programa é religioso”, o que isso acarretaria em termos de sentidos, que ecos entoariam? Significaria pertencer a uma religião nomeadamente como a católica, a protestante, a evangélica? Acreditar em um Deus Cristão? Fazer uso do discurso Bíblico durante as reuniões? Ter presente nas reuniões sacerdotes, pastores ou missionários, por exemplo? O que se pode afirmar é que, se o programa fosse religioso, provavelmente haveria conflitos ideológicos e os propósitos do *Nar-Anon* se perderiam em meio a essas tensões. Todavia, deve-se compreender que não ser religioso não implica, necessariamente, não ter crenças. Afinal, não há problema ou projeto que logre êxito sem crença e fé para que ele se realize; por isso, uma Oração se faz presente.

A segunda parte do enunciado, “*mas sim uma forma espiritual de viver*”, estabelece uma divisão entre vida espiritual vs. vida religiosa. A vida “espiritual”, que segundo o dicionário é relativa a espírito, encontra-se com uma definição pertinente para este estudo: “1. A parte imaterial do ser humano; alma. 2. Entidade sobrenatural ou imaginária, como os anjos, o diabo, os duendes. 3. *Inteligência*”.⁷ Dessa forma, a leitura do enunciado pode ser parafraseada por “*mas sim uma forma inteligente de viver*”, efeito de sentido que é diferente se a palavra ‘religiosa’ for tomada como relativa à religião, a que o dicionário atribui a seguinte definição: “1. Crença na existência de força ou forças sobrenaturais. 2. Manifestação de tal crença pela doutrina e ritual próprios. 3. *Devoção*”. Ter devoção a algo implica, segundo o mesmo dicionário, “dedicar-se ou consagrar-se a *alguém* ou a alguma *entidade*”. Omitindo-se o termo espiritual do enunciado da epígrafe e usando-se em seu lugar *devota*, a leitura poderia ser: “*mas sim uma forma devota de viver*”.

⁶ Faz-se a ressalva de que, como entidade, o *Nar-Anon* também tem suas práticas previamente determinadas para garantir a eficácia do Grupo naquilo que ele se propõe, sobretudo, objetivando com suas regras uma certa coerência entre todas as salas *Nar-Anon* existentes. Essa questão deverá ser discutida em outro momento.

⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini-Aurélio*: século XXI. 4. ed. 2 imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

O resultado dessas sinônimas (obviamente nada perfeitas) seria o seguinte: “*O programa não é religioso, mas sim uma forma inteligente de viver*”. Ou ainda: “*O programa não requer devoção [à entidade, no caso], mas sim [a seus freqüentadores, ele deseja] uma forma inteligente de viver*”, porque o Nar-Anon “*não é religioso*”. Ser religioso, a partir das definições, permite a inferência de “*pouca inteligência*”, característica que ninguém deseja ter.

O objetivo da exposição feita até o momento, como já foi dito, foi delinear um pano de fundo para a seguinte reflexão: se o programa não é religioso, mas espiritual, como conceber a escolha de uma Oração que poderia ter o termo oração apagado, tendo seu conteúdo parafraseado? Pode-se dizer que a Oração da Serenidade incorpora valores que atendem a diferentes necessidades: ela é oração que circula entre os viciados em álcool, em drogas, em jogo, em sexo, em comida e em cigarro e no grupo das mulheres que amam demais. Enfim, no grupo dos viciados e dos familiares desses sujeitos (Nar-Anon, Al-Anon, Al-Teen). Há, nas entranhas das estruturas da Oração, dizeres não formulados, mas que vão ao encontro das necessidades emocionais dos integrantes do *Nar-Anon*. São essas formulações de sentidos, a partir do contexto do *Nar-Anon*, que se espera esclarecer na seqüência.

2.1 A Oração da Serenidade

A primeira consideração a ser feita diz respeito à voz que atravessa o corpus: trata-se de uma Oração que provém de uma instituição que sustenta uma voz de autoridade, o que pode significar não-questionável e digna, inclusive, de ser “repetida” por qualquer pessoa que tenha crença e fê naquilo que as suas palavras prometem, palavras essas carregadas de efeitos de sentido propícios aos dramas vivenciados pelas pessoas que buscam uma sala de apoio e que buscam, na oração, justamente, o alcance do estado emocional expresso no enunciado que a nomeia, já que se trata da Oração da *Serenidade*.

Na sua primeira linha, tem-se o chamamento por Aquele a quem se recorre, no caso, Deus, autoridade suprema e sublime, explicitamente vinculada às práticas cristãs de reflexão e oração. A religiosidade foi negada (no fragmento exposto como epígrafe), objetivando-se, assim, a presença de sujeitos praticantes de qualquer (ou nenhuma) religião para se sentirem à vontade na sala. Contudo, não se abre mão da recorrência à autoridade intrínseca, ao se clamar e se dirigir a Deus. Se a Oração é ou não de autoria de Reinhold

Niebuhr⁸, o seu autor-idealizador, seja ele quem for (homem, santo ou demônio), não relutou em dar a Ele (Deus) o poder de intervir nos momentos de tensão. Tem-se, então, uma relação paradoxal, quando se dirige a Deus, ao mesmo tempo em que, no discurso (ver fragmentos expostos na introdução), este Ser é negligenciado em prol de um “Poder Superior”.

A *qualidade* da Oração da Serenidade é concebida, pois, num terreno pantanoso e movediço. Entende-se que essa oração precisa ser autorizada por um poder superior, mas sem que este tenha necessidade de uma relação explícita com o Deus Cristão, porque clamar ao “Ser Superior” pode ser pensado, inclusive, em relação ao pensamento positivo do sujeito: o “Seu Poder Superior” (onipotente). Eis a razão de enunciados das duas formações discursivas se fazerem presentes: um discurso vinculado a uma formação discursiva religiosa *vs.* uma formação discursiva de auto-ajuda.

Na seqüência, tem-se o seguinte trecho: “*Deus, ‘concedei-me serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar’*”. Retomando as condições de produção do discurso, algumas reflexões e inferências podem ser feitas a partir do seguinte contexto: os sujeitos que têm sua vida de alguma forma afetada pelo convívio com um adicto têm seu poder de ação sobre ele reduzido, em muitos casos, a poucas possibilidades de um diálogo, cujo teor pode variar conforme a gravidade do envolvimento do adicto com o uso de drogas e o modo como isso está afetando a relação entre o(s) familiar(es) e o viciado. Nesse sentido, o trecho *concedei-me serenidade* encontra respaldo na necessidade de manter-se calmo, porque só por meio de ações *serenas* é que o sujeito (familiar ou amigo) poderá perceber que algumas coisas não podem ser mudadas, uma vez que, no caso, não se trata de satisfação de uma vontade do familiar que prevalece, mas a do adicto; e a vontade de um não significa a do outro: se assim fosse, não haveria filhos(as), maridos (esposas), amigos(as) com tal problema.

O referido trecho clama por serenidade *para aceitar* o viciado, a vontade de recuperação e a superação do vício desejada pela família, por exemplo. Já que se parte do princípio de que o drogado pode não superar o vício, busca-se aceitar a idéia de que nem sempre se pode mudá-lo. Entretanto, sempre se pode ter uma atitude diferente em relação a ele (fator que desencadeia uma série de significados, de que não se tratará aqui). Por isso, no enunciado “Deus, conce-

⁸ A autoria da Oração da Serenidade é atribuída a Niebuhr, teólogo americano em meados da década de 30; nos anos 40, a Oração teria sido apropriada pelo Grupo dos Alcoólicos Anônimos.

dei-me serenidade para aceitar ‘*as coisas que não posso modificar*’”, o termo *coisas* remete a toda a situação de infortúnio provocada pelo viciado. Aquele que ora se coloca em primeira pessoa, declarando que há coisas *que [ele] não po[de] modificar*, revelando desolação, desalento, resignação e *conformismo*. Os discursos se misturam, tanto quanto as emoções daqueles que oram e se confortam, pois se sabe que, sobre os fatos da vida, pouco poder de previsão e encaminhamentos se tem: ter *serenidade para aceitar* torna-se, então, o canal mais confortável e, por que não dizer, mais fácil de ser seguido.

O segundo trecho diz: “*coragem para modificar aquelas que eu posso*”. O que significaria, nas condições de enunciação descritas, o termo *coragem*? Se é preciso ter *coragem*, pode-se inferir que, em algumas ocasiões, ou faltou *coragem*, ou se pôde prescindir dela. Em todo caso, para um familiar de adicto, os efeitos de “ter *coragem*” vão de encontro, justamente, com a prática “confortável” da não-ação, quando, serenamente, se é tomado pela certeza de que nada pode ser feito. Mas o enunciado diz *coragem*, que sugere, dentre outras condutas, o comportamento de enfrentar algo ruim; por isso, a necessidade de ter *coragem*. Porém, ainda assim, um traço de conformismo atravessa o enunciado, pois o que ele diz é “*coragem para ‘modificar aquelas que eu posso’*”, o que aponta para a aceitação do que não pode mudar: caberia aí, pois, um julgamento, devendo este ser feito pelo próprio sujeito. *Aquelas* coisas que eu posso mudar permitiriam tanto uma lista repleta de itens, quanto uma lista restrita: nada está definido. Questão de consciência ou não, de ação ou falta dela, *coragem* é para poucos: o familiar não seria, também, ele, uma vítima (basta retomar o discurso da co-dependência), precisando de *coragem*?

Por fim, o último trecho: “*e sabedoria para perceber a diferença*”. Ironicamente, ou não, novamente é o sujeito que decidirá os rumos a serem tomados. Clama-se a Deus que dê *sabedoria*; por outro lado, Deus é aquele assim como “*Concebido*”: seria Ele o Poder Superior e o Poder Superior uma espécie de superego, religiosidade ou auto-ajuda? *Sabedoria* para ir ao encontro do problema, mas também *sabedoria* para a não-atitude, porque o que se pede é a possibilidade de *perceber a diferença* entre as coisas que se podem mudar e as coisas que não se podem mudar. Perceber algo se filia aos sentidos, que podem ser mais ou menos aguçados: eis, portanto, uma variável de caráter subjetivo. Perceber é factível de falhas, previamente desculpáveis. Por exemplo: nem todos percebem os males do mundo do mesmo modo; para uns, é uma questão econômica; para outros, é uma questão ideológica: pouco

importa a escolha; a cada um compete uma condição, talvez, mais ou menos aguçada de percepção do que o envolve. Ser sábio (ter sabedoria) e ser sereno (ter serenidade) sugere ponderação. E a ponderação pode ser interpretada como uma meia-atitude perante uma necessidade de solução para uma situação problemática.

A Oração da Serenidade é porta-voz daqueles que se encontram numa situação de conflito causadora de constrangimentos sociais, pois o vício das drogas é comumente relacionado à marginalidade (porque conduz, comumente, o usuário a cometer delitos), uma situação em que a ação dos familiares e amigos é cerceada por condições que os fazem se sentir incompetentes e culpados, sentimentos esses absolutamente humanos e aguçados pela fragilidade a que o ser humano é submetido por uma sociedade *expert* em alardear os fracassos dos seus membros: pais de viciados que fracassaram no papel de pais; esposos e esposas que fracassaram em seu papel; irmãos que fracassaram; amigos que fracassaram. Idealmente, as construções para as condutas sociais já estão postas. Quando algo foge ao controle, tem-se um problema e problemas requerem culpados. O discurso que fundamenta a Oração tem um tom de *des-culpa*. Ela tira a culpa: ela satisfaz, porque apazigua os sentimentos, afinal, está-se pedindo *serenidade*, *coragem* e *sabedoria* para que as coisas possíveis de serem mudadas, o sejam. O *conformismo* atravessa a Oração; ele a constitui. Se, em certas condições, modificar algo sugere uma luta desigual frente ao tamanho do problema, quase sempre fadada ao “fracasso”, é *natural* que se recorra a discursos que justifiquem o combate não combatido, ou a luta rendida, ou a vitória não tentada: resignação.

Tomar a Oração da Serenidade a partir das condições de produção em que ela ocorre, como no Grupo Familiar *Nar-Anon*, implica considerar as circunstâncias em que ela é enunciada, como foi reiterado no decorrer do texto, porque, ali, efeitos de sentido se materializam com um fim específico: amparo, sobretudo. Não se quer julgar como os sujeitos se permitem conduzir por ela: o objetivo que desencadeou esta análise foi a busca de verificação e compreensão da cenografia estruturante da oração que acaba por, de alguma forma, afetar as cenas enunciativas resultantes. Pode-se afirmar que há um *misto* de propósitos no discurso da Oração, indispensável para os propósitos de um Grupo que se deseja de apoio. Se as reflexões efetuadas aqui abrangem outras circunstâncias em que a Oração é realizada, isso, de acordo com o que se acredita, não afeta substancialmente a discussão efetuada, cujo objetivo era tomá-la numa situação específica de uso. Se as reflexões não estão de acordo

Luciane Thomé Schröder

com os sentimentos daqueles que a proferem numa sala *Nar-Anon*, eis um ponto para reflexão, até porque a análise efetuada buscou pensar os efeitos de sentido como sendo gerados a partir da oração e não daquilo que as pessoas poderiam dizer sobre ela.

Referências

ADAM, J.-M. Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940. In: AMOSSY, R. *Imagens de Si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MAINGUENEAU, D. Ethos, Cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. *Imagens de Si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

VIALA, A. A eloquência galante: uma problemática da adesão. In: AMOSSY, R. *Imagens de Si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

Recebido para publicação em 05 de julho de 2008.

Aceito para publicação em 30 de setembro de 2008.